

# Do medo ao engajamento político: emoções e subjetividades a partir da militância materna entre integrantes do coletivo Mães pela Liberdade<sup>1</sup>

Maria Alice Magalhães da Silva Batista (UFMG/MG)

militância materna; movimento LGBT; emoções

Eu ainda tava muito **emocionada** com isso tudo de ver e vivenciar as dificuldades de vocês. Eu falei que eu não ia sossegar enquanto não tivesse uma mãe em cada esquina nessa cidade, e enquanto tivesse uma violência, porque nós tudo ia gritar pra cidade ouvir. (Márcia, em entrevista concedida em novembro de 2020)

O presente texto propõe reflexões tecidas a partir das narrativas de integrantes do coletivo mineiro de familiares – especialmente mães – de pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup>, Mães pela Liberdade. O material a ser exposto é fruto de entrevistas em profundidade realizadas entre o final de 2020 e início de 2021 através de chamadas de vídeo, na ocasião de meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais; e de posterior trabalho de campo em evento organizado pelas Mães em parceria com outros grupos LGBTQIA+ de Belo Horizonte em julho de 2022.

O Mães pela Liberdade foi fundado em Minas Gerais em 2020, a partir da fragmentação de membros anteriormente pertencentes à associação nacional Mães pela Diversidade<sup>3</sup>. Seus principais objetivos giram em torno do apoio público aos seus filhos e filhas e do acolhimento de familiares de pessoas LGBTQIA+ que estejam passando por dificuldades em lidar com a descoberta acerca da orientação sexual e/ou identidade de gênero dos/das filhos/as (BATISTA, 2022a). O coletivo é integrado por pessoas de todo o estado e apresenta maior mobilização em algumas cidades como Belo Horizonte e Juiz de Fora. As Mães<sup>4</sup> da capital mineira, com quem tive mais contato, oferecem plantões

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais e demais minorias de gênero e sexualidade. A sigla é comumente utilizada de modo a fazer referência à “comunidade” e ao “movimento” LGBTQIA+, tendo passado por uma série de modificações ao longo do tempo, especialmente a partir de dinâmicas e demandas por maior ou menor visibilidade de determinados segmentos, os quais passam a se inserir enquanto sujeitos políticos do que hoje chamamos movimento LGBT (FACCHINI e FRANÇA, 2009). Ainda que nos contextos de movimentos sociais venha-se mobilizando recentemente a variante mais ampla “LGBTQIA+”, no âmbito acadêmico o “LGBT” é bastante mobilizado, além de ter sido mais utilizado pelas interlocutoras à época das entrevistas.

<sup>3</sup> O Mães pela Diversidade é um coletivo de mães e pais de pessoas LGBTQIA+, formado em 2014 em São Paulo, e que se espalhou pelos demais estados brasileiros a partir da formação de núcleos estaduais. O núcleo mineiro foi fundado em 2017. Em 2020, após uma série de discordâncias das Mães de Minas Gerais quanto ao modo de organização e mobilização assumido pelas lideranças de São Paulo, as integrantes mineiras optaram por se desassociar do grupo e criar um movimento próprio.

<sup>4</sup> Ao longo do texto a categoria “Mães” foi grafada com a primeira letra maiúscula de forma a destacá-la, e diferenciar os momentos em que o termo foi mobilizado de uma forma geral daqueles em que se refere às integrantes do coletivo.

semanais de acolhimento no Centro de Referência da Juventude (CRJ) da cidade, além de organizarem eventos de socialização de familiares e pessoas LGBTQIA+, por exemplo lanches coletivos; e de formação, como rodas de conversa comumente direcionadas às famílias.

As interlocutoras - Márcia, Cláudia, Teresa e Rita<sup>5</sup> - possuem um perfil relativamente semelhante, apresentando-se enquanto mulheres cisgênero brancas e de classe média, com idades entre cinquenta e setenta anos, sendo esse o perfil geral da maioria das integrantes do coletivo (BATISTA, 2022a). Com exceção de Rita, que é pansexual, todas as outras são heterossexuais. Márcia é mãe de um filho gay, Teresa e Cláudia são mães de filhas lésbicas e Rita de uma filha bissexual.

O trecho que abre o trabalho é indicativo do que pretendo abordar nas próximas páginas, a saber, o modo como as narrativas das interlocutoras são permeadas por um discurso emocional, o qual funda e envolve sua atuação política enquanto parte de um movimento social. Dessa maneira, é a partir de uma série de emoções suscitadas através das relações com as/os filhas/os LGBTQIA+, como o medo e o amor, que essas mulheres constroem suas estratégias e visões de mundo. Ainda que não seja a discussão central desse texto, vale destacar que a fala de Márcia em referência à comunidade LGBTQIA+ foi intercalada por momentos em que mobilizava o “eles” e em outros o “vocês”, tendo em vista que me declarei lésbica ao ser interpelada por ela. Em outro texto (BATISTA, 2022b), exploro como esse ser “de dentro” ou “de perto” da comunidade em questão trouxe repercussões à minha pesquisa, especialmente a partir de questões postas pelas próprias interlocutoras, como perguntas sobre minha sexualidade e engajamento político. Destaca-se, portanto, o borramento dos pretensos limites entre o meu “corpo-pesquisador” e “corpo-lésbico”, através de uma perspectiva que reivindica a produção de saberes localizados (HARAWAY, 1995).

\*\*\*

Catherine Lutz (1990) discorre sobre como a emoção foi atrelada, no contexto ocidental, ao domínio do feminino, na medida em que ambas as categorias ocupam o âmbito do natural, irracional, subjetivo e corporal, em oposição à cultura e razão, creditadas ao masculino. Dessa maneira, os discursos em torno da emoção são discursos sobre gênero. A autora aponta, ainda, que tanto no saber cotidiano quanto no científico, essa ligação entre emoções, mulheres e natureza se dá especialmente através da atribuição

---

<sup>5</sup> Os nomes foram modificados de forma a manter o anonimato das entrevistadas.

de grande peso a fenômenos corporais, por exemplo os ciclos menstruais e hormonais, bem como através do foco comumente colocado nos sentimentos teoricamente advindos da maternidade, como amor, cuidado e conexão enquanto essências do que seria ser mulher e mãe (LUTZ, 1990).

De forma semelhante ao postulado em nossa visão de mundo ocidental sobre as emoções, tidas ao mesmo tempo enquanto universais e singulares (REZENDE e COELHO, 2010), as concepções em torno da maternidade evocam a universalidade e singularidade de tal experiência, especialmente através da noção do amor e instinto maternos. Andrea O'Reilly (2016) discorre sobre como a maternidade moderna é construída através de alguns pressupostos, dentre eles a essencialização, naturalização e idealização. O cerne de tais premissas repousa na presunção de que todas as mulheres têm em si o desejo pela parentalidade, bem como as habilidades de cuidado e amor, pensadas enquanto inatas à essência feminina; e de que a experiência materna é sempre acompanhada de alegria e realização (O'REILLY, 2016). Tais concepções também são carregadas de discurso emocional, na medida em que, como apontado por Elisabeth Badinter (1985), o “amor materno” passa a ocupar espaço central e obrigatório nas experiências femininas, figurado enquanto intrínseco a elas. Além disso, de forma paradoxal, ainda que essa experiência tenha começado a ser formulada enquanto espaço de máxima realização e felicidade para as mulheres, ela logo passou a ser assumida "em termos de sofrimento e de sacrifício." (BADINTER, 1985, p.267). Nesse sentido, os estudos sobre maternidade(s)<sup>6</sup> buscam compreendê-la(s) não enquanto função biológica, mas como práticas sociais dotadas de significados, os quais se transformam a partir de mudanças culturais, econômicas e históricas (O'REILLY, 2016).

Partindo da perspectiva proposta por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990) em se pensar as emoções como práticas discursivas e “modos de ação social que criam efeitos no mundo” (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990, p.7), a ideia desse texto é evidenciar a mobilização de um discurso emocional por parte de minhas interlocutoras de pesquisa. Tal acionamento esteve especialmente presente nas narrativas sobre os processos de adesão e ativismo junto ao coletivo, como veremos posteriormente. Além disso, pretende-se abordar as transformações nas subjetividades vivenciadas e agenciadas por elas a partir da sociabilidade com outras Mães e com pessoas pertencentes às minorias sexuais e de

---

<sup>6</sup> O plural denota como as experiências reais apresentam uma multiplicidade de formas de vivenciar a maternidade, atravessadas por marcadores de raça, classe, sexualidade, deficiência, conjugalidade, dentre outros, ainda que, enquanto instituição, ela seja pensada monoliticamente. Sobre a discussão ver Angela Davis (2016), Patricia Hill Collins (2019) e Sabrina Finamori e Bianca Retes Carvalho (2020).

gênero. Por fim, proponho uma discussão sobre como os discursos do coletivo trazem o “amor” como categoria central, a partir de uma perspectiva em que é através desse sentimento que elas constroem o seu engajamento político.

### **Adentrando a militância: do medo ao engajamento**

Ainda que não fosse o foco de minhas questões de pesquisa à época, o acionamento de um discurso emocional por parte das interlocutoras para tratar de suas experiências familiares e militantes ocupou importante espaço em suas falas. Seja nas narrativas sobre os processos de descobrimento acerca da orientação sexual das filhas e filhos<sup>7</sup>, de *rompimento da bolha*<sup>8</sup> em que viviam através do acesso a informações sobre a comunidade LGBTQIA+, ou da entrada e atuação no Mães pela Liberdade, a mobilização de sentimentos como aspecto central de tais experiências não deixou de se fazer presente.

O ano de 2018 apareceu como data marcante e um divisor de águas nas falas de todas elas. As disputas e tensões políticas decorrentes das eleições presidenciais trouxeram matizes específicos para essas mulheres que, além de se posicionarem contrárias ao projeto político do então candidato Jair Bolsonaro, tinham o diferencial de serem “mães de LGBT” (NOVAIS, 2018). Essa distinção dizia respeito ao fato de que as minorias de gênero e sexualidade foram, em muitos momentos, um dos alvos dos discursos morais do atual presidente, cujas falas incitavam o desrespeito e a violência contra tal comunidade. Ser “mãe de LGBT” significava, então, nutrir laços de afeto com pessoas pertencentes a um grupo com vidas mais precárias (BUTLER, 2019).

É nesse sentido que, ao serem indagadas sobre o processo de adesão ao Mães pela Liberdade, algumas das entrevistadas mobilizaram o medo quanto ao futuro das/os filhas/os como uma das motivações para o seu engajamento. Teresa trouxe a questão bem delineada, a partir de descrições sobre como ficou *morrendo de medo e assustada* com que aconteceria a seguir, na medida em que o *quadro de violência do Brasil* já era preocupante, e que o mencionado candidato estaria *incentivando e dando carta branca*

---

<sup>7</sup> Ainda que não seja o foco desse texto, as narrativas sobre a “saída do armário” por parte das/os filhas/os foram formuladas através do acionamento de uma série de emoções sentidas à época, como *medo, angústia, preocupação e culpa*. Essas formulações se encontram em consonância com a pesquisa de Leandro de Oliveira (2013), segundo o qual a revelação da homossexualidade nunca passa emocionalmente em branco nas narrativas de familiares, em que a mobilização de sentimentos denota a intensidade da experiência vivida e a sua demarcação na memória dessas pessoas.

<sup>8</sup> Utilizo o itálico quando estiver reproduzindo as falas e categorias das próprias interlocutoras no meio do texto, sendo as citações maiores colocadas em recuo. Utilizo o negrito nas citações mais extensas, de forma a destacar as categorias emocionais mobilizadas. As falas das interlocutoras não foram reproduzidas na íntegra, tendo sido recortados e selecionados trechos mais pertinentes às discussões aqui propostas.

para o fortalecimento de tais comportamentos. Ela conta, ainda, que sua entrada para o coletivo ocorreu alguns meses após o período eleitoral, o qual estava *afetando-a muito pessoalmente* e deixando-a *fragilizada*. Esse processo de adesão foi descrito como *maravilhoso*, tendo em vista que se conformou enquanto um espaço em que teve atendidas suas necessidades de *acolhimento e conversa*.

Márcia, que à época já integrava o coletivo, contou que houve um crescimento de familiares que passaram a procurar o grupo, motivadas pelo medo e angústia frente ao cenário eleitoral. Segundo ela, *todo mundo ficou com medo, e era um medo real. Porque o discurso de ódio era muito grande e tava legitimando a violência, né? As pessoas estavam sendo ameaçadas na rua por serem quem são. Então nós ficamos muito tensas na época*. Mesmo não sendo extensamente abordadas aqui, as falas de Rita e Claudia também trouxeram as eleições de 2018 como momento de contato com o coletivo, ainda que não tenham mobilizado a categoria do “medo” de forma direta. Rita contou que foi nessa época que descobriu sobre a bissexualidade da filha, e passou a desejar mais informações sobre o assunto, bem como um engajamento maior de sua parte frente ao cenário político. Claudia, que já tinha experiência em movimentos sociais desde a juventude, revelou que conheceu as Mães em uma manifestação contrária à candidatura de Bolsonaro e que, após a vitória do mesmo, passou a intensificar sua atuação política.

A história da entrada de Márcia no coletivo é, na verdade, a história da criação do mesmo. Em conjunto com algumas outras mulheres, foi ela uma das principais responsáveis por fundar o núcleo mineiro do Mães pela Diversidade em 2017, tendo estado presente, também, no processo de desvinculação e criação do Mães pela Liberdade em 2020. A aproximação com a militância LGBTQIA+ se deu após o falecimento de sua mãe, de quem cuidava há alguns anos, ocasião na qual seu filho aconselhou-a a realizar atividades que preenchessem o tempo livre, dando a ideia de que ela se aproximasse do Mães pela Diversidade. Ao contatar a associação por meio de redes sociais, descobriu que não havia, ainda, um núcleo mineiro, tomando para si a tarefa de fundá-lo. Nesse processo, passou a ter acesso a uma série de informações e notícias sobre a LGBTfobia no contexto brasileiro, criando nela o temor quanto a possíveis violências sofridas pelo filho:

Porque ter um filho gay, ok. Quê que eu posso fazer? E quê que vai mudar a minha vida? Em nada, como realmente não mudava em nada. Pra mim era muito natural. Mas eu não tinha noção do que era a vida dele para a sociedade. Eu tinha noção do que ela era pra mim, do tanto que ela valia pra mim. [...] Comecei a procurar páginas LGBT, sites, e eu lembro que em uma das pesquisas eu fui pro Grupo Gay da Bahia. **Aí aquele soco no estômago, né?** [...] Aí que eu fui saber que o Brasil

era o país que mais matava [pessoas LGBT no mundo]. Gente, **isso pra mim me tirou o sono**, sem brincadeira.

Eu entrei na página, comecei a seguir e veio **a primeira porrada...** “Brasil, primeiro lugar no ranking de matar LGBT”. Fiquei **pasma**, foi um **soco na minha barriga**. Falei assim “Meu Deus! Como eu passei a vida inteira achando que cuidar do meu filho bastava pra manter ele vivo? Bastava pra ele ser feliz?” Gente, aquilo foi um negócio que **me chocou**. (Márcia, em entrevista concedida em novembro de 2020).

As falas de Márcia trazem esboços de sensações que, se não são emoções no sentido estrito do termo, estão conectadas a elas a partir da compreensão das mesmas como “pensamentos sentidos através de rubores, pulsos, movimentos de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele”. (ROSALDO, 2019, p.38). Ainda que ela não fale do medo propriamente dito, há um acionamento de expressões que remetem a ele, bem como às noções de desconforto e ameaça. É especialmente interessante a relação posta nas falas de Teresa e Márcia entre a violência e o medo, sendo a primeira explicativa do surgimento do segundo. No trecho acima reproduzido, é também pertinente o modo como a segunda mobiliza metáforas que evocam a violência para descrever a maneira como se sentiu, por exemplo *aquela soco no estômago e a primeira porrada*.

Assim, a percepção da LGBTfobia no contexto brasileiro produz nessas Mães o entendimento de que seus/suas filhos/as não estão seguros/as apenas por serem “aceitos/as” no âmbito doméstico, na medida em que, no cenário público, suas vidas são menos vivíveis e passíveis de luto (BUTLER, 2019). Dentre outras questões, é a partir do medo da perda dos/das filhos/as e da necessidade em partilharem o sentimento e serem *acolhidas*, como colocado por Teresa, que elas acabam adentrando o coletivo.

### **Saindo da bolha: transformações e subjetividades a partir da militância materna**

A partir do engajamento no coletivo, foram consonantes as narrativas das entrevistadas sobre transformações em suas subjetividades. Márcia referiu ao processo de se informar sobre a realidade social das minorias sexuais como o ato de *sair da bolha*. Nesse sentido, é a partir dessa saída e da atuação ao lado de outras Mães e de pessoas conformadas pelas mais amplas diversidades de gênero e sexualidade, que tais mulheres reinscrevem suas formas de ver e se posicionar no mundo. Márcia aborda como passou a perceber os casos de LGBTfobia em seu cotidiano, por exemplo através dos noticiários, demonstrando como a própria forma de enxergar a realidade ao seu redor é transformada nesse processo. Mais do que isso, o acesso a narrativas distintas de suas próprias vivências tem como um primeiro e importante impacto a percepção da alteridade.

Teresa abordou esse choque frente à alteridade a partir do relato sobre a sua experiência inicial com o Mães pela Diversidade. Sua primeira ida ao CRJ se deu durante uma roda de conversa organizada pelo coletivo, em que uma travesti publicamente conhecida na cidade havia sido convidada para falar sobre a própria história de vida, marcada em seu discurso pela reiteração de desafios, sofrimentos e violências experienciadas. Ao se encontrar frente a frente com ela, Teresa relatou ter sentido *constrangimento*, na medida em que *ficava sem graça de olhar, de ela achar que eu tava reparando ela demais. E eu tava mesmo. Tava achando curioso, tudo muito diferente do meu mundo*. Isso porque ela nunca havia se encontrado tão próxima de uma travesti, despertando a sensação de ser uma realidade completamente distinta de sua própria. Ao prosseguir a narrativa, Teresa aponta que foi *serenando, tentando lidar com o próprio conflito. Ai eu fui vendo, “gente, ela é só um ser humano! Ela é um ser humano igual a mim, igual a qualquer outra das mães que tão aqui nessa mesa!”*.

Destaca-se, assim, como as sensações acionadas por ela, como o constrangimento, a curiosidade e o conflito, emergem em um contexto social específico, em que a humanidade de um grupo, a saber, de mulheres trans e travestis, não é dada de antemão, mas precisa ser construída por tais pessoas. Podemos pensar tal questão à luz do argumento de Judith Butler (2020), segundo a qual as existências que não se conformam à matriz heterossexual habitam as “zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito.” (BUTLER, 2000, p.112). Teresa conclui a narrativa apontando que percebe, retrospectivamente, *o salto que teve ao se aproximar de outras possibilidades de existir*. Além disso, declara ter percebido que o mundo e as pessoas são *diversos*, e que essa diversidade, ainda que não compreendida em sua integralidade, deve ser *respeitada*. Segundo ela, *“você tem que entender que é um ser humano e que tem que respeitar. Que chora, que ri, que briga, que sente, que ama, que tem defeitos, que tem qualidades assim como nós todos temos*.”

Essa construção de humanidade se dá, por vezes, e como demonstrado no trecho acima, através de falas que acionam emoções, especialmente a dor e o sofrimento das violências vivenciadas, para assim instigarem empatia e a própria humanização. É a partir do momento em que percebe que travestis também sentem tristeza, alegria, raiva, amor, e por isso choram, riem, brigam e amam, assim como todas as outras pessoas, que a condição de humanidade é concedida a elas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Na próxima seção irei abordar mais detidamente essa evocação de emoções como produtora de efeitos políticos enquanto estratégia agenciada pelas Mães.

É, também, nesse processo de percepção da alteridade que ocorre um outro, de desconstrução e aprendizagem, o qual perpassa e é perpassado pelo engajamento político de tais mulheres. Claudia destacou que *a gente aprende muito. Quando você faz um acolhimento e vê outros casos, situações que as pessoas tão passando, coisas que às vezes a gente fala sem querer, e que não tá politicamente correto. Então é um aprendizado mesmo.* Rita comentou como essa *participação foi uma mudança total na minha vida em termos de aprendizado, de conhecimento e de tudo que eu não tive uma vida inteira, porque o meu núcleo jamais me possibilitaria isso.* Teresa acrescentou, em outro momento, que *a escuta te fortalece muito, e te faz sentir uma pessoa melhor. Você aprende, tem mais empatia.* Vale destacar que esse aprendizado está intimamente marcado pela noção de experiência, em que é a partir de seu compartilhamento que elas aprendem e se engajam. Há, nesse sentido, uma demarcação do coletivo como o que Claudia colocou enquanto *escola política*, ou seja, essa aquisição de conhecimento político através da prática e da experiência.

Adicionado a isso, o coletivo constou em algumas das falas como espaço de sociabilidade e criação de laços de afeto, atuando como uma espécie de rede de apoio ampliada. Destaca-se, assim, a adesão à militância materna enquanto atuante na metamorfose das subjetividades e relações íntimas dessas mulheres, em um processo “de dentro para fora”, concomitante a outro “de fora para dentro”. A saída de dentro do armário por parte das/dos filhas/os transforma, em diferentes níveis, as dinâmicas familiares, impulsionando essas mulheres rumo ao engajamento para fora do espaço doméstico. Essa atuação, por sua vez, opera na transformação das relações internas a tal âmbito, rasgando a cena urbana e reescrevendo as tessituras subjetivas e familiares de tais mulheres. Há, portanto, uma empreitada em que, como apontado por Márcia, *o movimento social mexe com toda uma história das pessoas.*

### **O armário e o amor: trabalho emocional e micropolítica das emoções**

Em outro momento (BATISTA, 2022a), explorei o que considere como duas das principais estratégias de mobilização por parte das Mães pela Liberdade, sendo elas a ocupação dos espaços públicos<sup>10</sup> e o processo de sair do armário enquanto “mães de

---

<sup>10</sup> Tanto a partir das falas das interlocutoras quanto do acompanhamento do coletivo, de forma virtual e presencial, foi se delineando como uma estratégia importante agenciada por elas a ocupação de espaços e eventos públicos da cidade enquanto “mães de LGBT”. Em tais ocasiões, elas se valem de um repertório simbólico - através de faixas e adereços com as cores do arco-íris - e discursivo - a partir do destaque à posição de mães - para demonstrarem o apoio aos filhos e filhas e à comunidade LGBTQIA+ como um todo. Em julho de 2022, por exemplo, o coletivo ajudou a organizar um “piquenique das famílias”, que

LGBT”. Retomo a segunda nesse texto de forma a pensá-la a partir de uma análise das emoções. O trecho a seguir bem demonstra a noção em torno da ideia de *sair do armário*, ou de *tirar as Mães do armário*:

Porque eu queria mostrar, e isso trouxe muita mãe. Eu falo assim “vem ser **feliz**, sair do armário é **libertador**”. Na hora que você liga o botão do foda-se pro povo, não tem nada melhor do que você ser você mesma. Porque a mãe para de ficar **incomodada**. Começa aquela conversa e ela tem um olhar de **enfrentamento** que ela mata o outro na hora que tá conversando. As pessoas param de **violentar** essas mães. [Márcia, em entrevista concedida em novembro de 2020]

Márcia acrescentou que quando os comentários de terceiros sobre a orientação sexual e/ou identidade de gênero dos/das filhos/as *incomodam* uma mãe, é porque ela não está *bem resolvida*, o que deve ser *trabalhado* por ela através do *diálogo*. Seria necessário, então, que ela *refletisse para mudar*. Sair do armário nesse contexto remete, portanto, ao processo agenciado por essas Mães, em que o fato de as/os filhas/os serem LGBTQIA+ deixa de ser uma questão associada à dimensão de problema ou anormalidade, e que por isso deve ser escondida. É descrito, ainda, como um movimento *libertador e empoderador da própria condição de pessoa*. Vale destacar que a experiência de sair do armário vivenciada por essas mulheres, em sua maioria cisgênero e heterossexuais, se dá de forma distinta àquela vivida por parte de pessoas LGBTQIA+. Isso porque as repercussões de tal processo se materializam de forma mais evidente e, por vezes, violenta nas vidas de pessoas que transgridem as normas cis-heteronormativas. Há, contudo, uma similitude quanto à noção de que esse movimento é *libertador*.

Pertinente destacar como a LGBTfobia, exemplificada na fala de Márcia por comentários jocosos ou especulações de terceiros acerca da orientação sexual de um/uma familiar, aparece aqui não apenas como uma violência experienciada por parte de pessoas que são LGBTQIA+, mas também por suas mães. É apenas a partir desse processo de *libertação*, em que a identidade social das/dos filhas/os passa a ser uma fonte de *empoderamento* também para elas, que as mesmas *deixam de ser violentadas*.

Tais falas são demonstrativas de como esse *sair* ou *tirar as Mães do armário* figura enquanto uma forma de trabalho emocional, como proposto por Arlie Hochschild (2013). Essas mulheres transformam - ou se empenham em transformar - emoções de *vergonha, medo, angústia e desconforto*; ou, melhor dizendo, se empenham em um trabalho de supressão desses sentimentos, concomitante ao de evocação de outros, como

---

ocorreu em uma praça movimentada da capital mineira. Em anos anteriores, destacava-se, também, a participação de membros do coletivo em blocos de carnaval voltados à comunidade LGBTQIA+ da cidade, nos quais elas subiam nos trios para discursarem sobre a importância do “acolhimento” e “orgulho” por parte de familiares de minorias sexuais e de gênero.

*amor e orgulho*. Além disso, ainda que por vezes o que seja colocado como objetivo do coletivo apresente-se a partir do *tirar* as Mães do armário, Márcia destacou como esse é um movimento que só se torna possível através do agenciamento da própria pessoa. Segundo ela, enquanto integrante do coletivo, ela *não pode mudar ninguém, mas pode provocá-la, pra ela se mudar*, na medida em que *quem sai do armário é a própria pessoa*. Tal noção revela que esse é um processo compartilhado, no qual há um trabalho emocional pretendido “do self sobre o self, por alguém sobre outros e pelos outros sobre alguém” (HOCHSCHILD, 2013, p.187).

Teresa elaborou uma narrativa que parece exemplificar bem esse movimento de *saída do armário*. Ela conta que inicialmente sentiu certa apreensão em circular a informação sobre a lesbianidade da filha, na medida em que *a gente se deixa ser atingido pela avaliação do outro*, e que há uma *dependência quanto ao olhar do outro*. Posteriormente, ela conta ter *lidado* com a situação, começando a compartilhar a informação em contextos oportunos, tendo em vista que aprendeu a *parar de se incomodar com o que os outros pensam*. Segundo ela, todo esse processo foi ancorado no fato de que o *amor pela filha era inabalável e estava acima de qualquer coisa*<sup>11</sup>.

O “amor” ocupa, assim, centralidade nos discursos de membros do coletivo, figurando como categoria base de suas mobilizações. Há, nesse sentido, uma produção de discursos emocionais que estão plenamente imbricados à maternidade, na medida em que as emoções e práticas de *amor, carinho e cuidado* não são desvinculadas do fato de que essas mulheres são mães<sup>12</sup>. Essa questão é expressa, por exemplo, através da fala de Teresa de que, ao se aproximar do coletivo, foi prontamente recebida com muitas demonstrações de *afeto*, e que as outras integrantes se mostraram *super carinhosas, coisa*

---

<sup>11</sup> Vale destacar que ainda que seu caso exemplifique bem o objetivo do coletivo quando a essa questão, ela passou por todo o processo antes mesmo de adentrá-lo, o que demonstra que ele não é exclusivo de suas integrantes. Contudo, ela também falou sobre como teria sido tudo mais fácil, rápido e tranquilo se já conhecesse o grupo no período em que vivenciou tudo isso. Podemos pensar, então, que boa parte do que fazem as Mães é catalisar e facilitar tais vivências, além de torná-las menos solitárias para as mulheres que as experimentam.

<sup>12</sup> Há, sobre essa questão, uma convergência com outros movimentos protagonizados por mulheres que são mães, como os de mães de vítimas de violência policial (VIANNA e FARIAS, 2011), (BRITES e FONSECA, 2013) e (FRANÇA, 2020), na medida em que trazem a maternidade como aspecto central de suas mobilizações. Isso porque a acionam como fonte de legitimidade para serem ouvidas pelo Estado, o qual extermina não apenas as vidas, mas a própria humanidade dos filhos. Há, portanto, uma tentativa de reconstrução da imagem dos mesmos enquanto pessoas dignas de direitos, justiça e humanização. Essencial destacar que, ainda que tenham em comum esse acionamento da maternidade como fonte de legitimidade moral, os movimentos de familiares de vítimas de violência policial trazem como aspecto central o racismo e o genocídio enquanto política de Estado, sendo formados, em sua maioria, por mães negras e periféricas, ao contrário do Mães pela Liberdade, em grande parte integrado por mulheres brancas de classes médias.

*de mãe mesmo*. De forma semelhante ao que relatou Kaito Novais sobre as Mães pela Diversidade de Goiás,

as militantes do movimento aproveitam da associação caricaturada da emoção à “feminilidade” para elaborar um curioso, emblemático e complexo quadro invertido: uma maternidade que desfigura os determinismos natural e social do “ser mãe”, mas que seleciona dessa noção a performance do cuidado, acolhimento, amor e diversas outras emoções ditas particularmente “maternas”. (NOVAIS, 2018, p.79).

Essa evocação pode ser pensada, também, como uma estratégia em que tais mulheres dramatizam e alteram as relações sociais à sua volta, desafiando e reinscrevendo diferenças de poder (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990). Contrapondo as produções discursivas em torno da comunidade LGBTQIA+ que mobilizam sentimentos como o ódio e o desprezo, as Mães se empenham na construção de discursividades pautadas no amor, respeito e orgulho. Como exposto por William Miller (1997), o desprezo e desgosto apresentam intenso significado político, trabalhando em hierarquizações morais entre quem sente e a quem esses sentimentos são direcionados. Nessa direção, Maria Elvira Díaz-Benítez, Kaciano Gadelha e Everton Rangel (2021) apontam que emoções como desprezo, nojo e humilhação apresentam-se enquanto potenciais chaves de interpretação das gramáticas da LGBTfobia, na medida em que revelam a criação e manutenção de “exercícios hierárquicos da diferença” (DÍAZ-BENÍTEZ; GADELHA E RANGEL, 2021, p.12). Assim, se por um lado, essas emoções são por vezes dirigidas às minorias de gênero e sexualidade; por outro, o amor, respeito e orgulho são acionados aqui como emoções potencialmente capazes de subverter essa “superioridade moral da heterossexualidade” (OLIVEIRA, 2011) e da cisgeneridade.

Assim, é porque *riem, choram, brigam, amam*, e, portanto, *sentem*, bem como por serem suas/seus filhas/os, que são pessoas dignas de amor, respeito e de direitos. Podemos formular, portanto, que a estratégia das Mães parece ser a de estabelecer e evidenciar a humanidade dos/das filhos/as através de reiteraões morais e emocionais, em que se aproveitam da suposta força do “amor materno” para reinventarem o que é ser uma “mãe ou uma família de LGBT”. Em vista disso, e como exposto no trecho que abriu esse texto, são as *emoções* advindas do conhecimento sobre as *dificuldades* vivenciadas pela população LGBTQIA+ que incentivam as mães a se tornarem Mães pela Liberdade, *ocupando as esquinas da cidade e gritando* para que assim sejam ouvidas.

### **Considerações finais**

Inserindo-se em um contexto de disputas de significados e discursividades em torno das vivências e direitos da comunidade LGBTQIA+, as Mães pela Liberdade se empenham em subverter lógicas referentes a categorias como maternidades e famílias. Colocam-se em oposição a discursos de que as diversidades de gênero e sexualidade são ameaças à instituição familiar, na medida em que expõem e reiteram não apenas o fato de que seus/suas filhos/as possuem uma família, mas que são *inabalavelmente* amados/as por elas. Capturam noções do senso comum sobre a maternidade, ao mesmo tempo em que constroem novos significados para essas experiências.

Silvia Aguião (2018) abordou como já há algum tempo tem se demarcado na cena do movimento LGBT a mobilização das mães, de forma a angariar solidariedade pública em torno dos “direitos LGBT”. Essa estratégia tem se dado a partir de discursos em que é destacado o “sofrimento da discriminação, do preconceito e da violência cometida contra seus filhos”, na medida em que “as mães também sofrem a homofobia quando os seus filhos são vitimados.” (AGUIÃO, 2018, p.164). Seja a partir da reiteração do amor ou do sofrimento vivenciado por essas mulheres, há uma recorrência do acionamento de discursos emocionais como estratégia política do movimento. Como vimos anteriormente, essa tática é também mobilizada pelas próprias pessoas LGBTQIA+.

Nesse sentido, os discursos emocionais e morais figuram enquanto estratégia de construções epistemológicas, ontológicas e políticas em disputa, tanto por setores contrários às diversidades sexuais e de gênero quanto por aqueles aliados a elas. As emoções figuram, assim, como produtoras de efeitos em suas vidas e relações, e como ferramentas para produzir efeitos e transformações no cenário político mais amplo. O medo e o amor aparecem como motivadores de sua adesão à militância, e são mobilizados, assim como uma gama de outros sentimentos, em sua atuação coletiva.

Podemos refletir sobre como esse trabalho emocional em que se empenham as integrantes do coletivo é, também, um trabalho cognitivo. A reordenação - ou tentativa de reordenação - de seus sentimentos é acompanhada de um processo de aprendizagem, em que, a partir da *saída da bolha*, reelaboram suas visões de si e do mundo à sua volta. Dessa maneira, saem de um estágio inicial de desconhecimento sobre questões relativas à comunidade LGBTQIA+ para o de instrução e de incentivo à aprendizagem por parte de outras mães.

Por fim, ainda que as interlocutoras aqui apresentadas tenham se posicionado enquanto *militantes* ou *ativistas*, nem todas as participantes do coletivo necessariamente

se consideram enquanto tais. Muitas delas buscam o grupo e passam a integrá-lo por desejarem compartilhar e trabalhar suas angústias e questões em relação aos filhos e filhas, sem necessariamente passarem a se engajar politicamente. Nesse sentido, se em muitos casos o trabalho emocional vivenciado a partir da adesão ao grupo culmina em uma atuação política por parte das Mães, esse não é o único caminho possível a ser trilhado por elas.

### Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. “Introduction: Emotion, discourse and the politics of everyday life”, em C. Lutz e L. Abu-Lughod (orgs.), **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 1-23].

AGUIÃO, Sílvia. **Fazer-se no “Estado”**: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2018.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BATISTA, Maria Alice Magalhães da Silva. Ocupação dos espaços públicos e militância materna para fora do armário: atuação política entre integrantes do coletivo Mães pela Liberdade. **Novos Debates**, v.7, n.2, 2022a. <https://doi.org/10.48006/2358-0097-7225>

BATISTA, Maria Alice Magalhães da Silva. Quando o “corpo pesquisador” e o “corpo lésbico” se encontram: experiências de pesquisa em gênero e sexualidade sendo uma mulher lésbica. In: JORNADAS DE ANTROPOLOGIA JOHN MONTEIRO, 2021. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2022b. p. 131-138.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. As mulheres negras e a maternidade. In: COLLINS, P. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; GADELHA, K.; RANGEL, E. Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 46, n. 3, 2021, p. 10-29.

FACCHINI, Regina, LINS FRANÇA, Isadora. “De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro.” **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista**

FINAMORI, Sabrina; CARVALHO, Bianca Retes. Maternidades, cuidados e cuidadoras: a desprivatização do cuidado. In: 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020. **Anais** do 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020.

HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". **Cadernos Pagu**, n.5, 1995, p. 7-41.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. "Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social" in COELHO, Maria Cláudia (org). **Estudos Sobre Interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Orgs.). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 69-91.

MILLER, William. *The anatomy of disgust*. Harvard University Press, 1997.

NOVAIS, Kaito Campos de. **Gestos de amor, gestações de lutas: uma etnografia desenhada sobre o movimento mães pela diversidade**. 2018.266 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

OLIVEIRA, Leandro. Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. In: PASSAMANI, Guilherme. **(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo**. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O'REILLY, Andrea. **Matricentric feminism: Theory, activism, and practice**. Bradford, ON: Demeter Press, 2016.

REZENDE, Claudia B. & COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. RBSE: **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, pp. 31-49, 2019.